

RESENHA:
EDUCAÇÃO INFANTIL DEVIDAMENTE INVESTIGADA

Monalisa Gazoli¹

Recebido em: 15 mar. 2017

Aceito em: 15 abr. 2017

LINS, Heloísa Andreia de Matos & DINIZ, Neusa Lopes Bispo.
Repensar o currículo na educação infantil: implicações sobre o
brincar e a língua(gem). Campinas: Edições Leitura Crítica, 2012.
(Coleção ALLE – Alfabetização, Leitura e Escrita).

As doutoras em Educação, pela Unicamp, Heloísa Andreia de Matos Lins e Neusa Lopes Bispo convidam os sujeitos envolvidos com a educação infantil a refletirem sobre o currículo desse nível de escolarização. O livro intitulado *Repensar o currículo na educação infantil: implicações sobre o brincar e a língua(gem)*, publicado pela Edições Leitura Crítica em 2012, resulta de pesquisa científica sobre o currículo na Educação Infantil, por meio do qual propõe-se, por meio da perspectiva histórico-cultural, a reflexão sobre esse tema.

Elaborei esta resenha objetivando apresentar o livro mencionado. Meu objetivo é o de contribuir para sua divulgação, visto que nele são apresentados resultados de pesquisa científica que muito podem colaborar para a ampliação de reflexões cruciais sobre o currículo na educação infantil.

A relevância da discussão do currículo da Educação Infantil pode ser observada, por exemplo, nas afirmações de Hilda Micarello, Doutora em Educação, pela PUC-Rio de Janeiro e especialista em alfabetização e linguagem, na “Apresentação” do livro em destaque. Nesse texto, essa pesquisadora evidencia que, nas últimas décadas do século XX e na primeira década do século XXI, a criança vem conquistando espaço no discurso sobre educação, evidenciado, dentre outros aspectos, pela conquista de direito legal, expresso, por exemplo, na Constituição

1 Professora interina do curso de Pedagogia do Unisalesiano, Lins (SP).

Federal, de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN 9394), de 1996. Micarello afirma, entretanto, que essa conquista de espaço “[...] só se efetivará a partir da consideração das perspectivas dos sujeitos envolvidos nas práticas cotidianas, que se realizam nos contextos institucionais de atendimento à criança pequena: professores, gestores, crianças e suas famílias.” (p. 10).

Partindo desse pressuposto, Lins e Diniz (2012) objetivam propor reflexões sobre esse tema por meio da busca de respostas para a seguinte questão norteadora de pesquisa: Que ideias e crenças sobre infância e criança têm influenciado as escolhas teórico-metodológicas de educadores/educadoras em instituições de educação infantil? Isto é, quais relações e proposições, *pensamentospraticados* ou não, os educadores têm tentado construir com as crianças pequenas, nos âmbitos da linguagem e do brincar em escolas? Quais convicções as crianças expressam, nestes contextos? (p.13)

As pesquisadoras utilizam três referenciais teóricos para subsidiar a síntese das reflexões apresentadas, a saber: o vigotiskiano, para compreender o processo de desenvolvimento das funções psíquicas superiores nas crianças da educação infantil; o espinosano, para compreender os conceitos filosóficos de desejo e ação, entre outros; e a concepção gramsciana de “intelectual orgânico”, em aproximação com a sociologia e a pedagogia da infância. Assim, objetivam “[...] fortalecer os estudos no âmbito do currículo na educação infantil, a partir de uma certa forma de captura das vozes de estudantes de pedagogia, professores de rede pública e sobretudo das crianças de 3 a 6 anos [...]” (p. 14).

As autoras utilizam como fonte de investigação relatos de experiências de:

1) professoras com cargos efetivos na educação infantil (faixa etária de três a seis anos), da rede municipal de educação de Campinas, SP. Com esse grupo foi realizada entrevista por meio de questionário autoadministrado “[...] composto de solicitação de dados profissionais e de escolarização, seguidos de 06 questões abertas relacionadas à temática e uma questão voltada ao registro de observações por parte do respondente, se o mesmo considerasse necessário. [...] O questionário foi enviado eletronicamente para todos os participantes” (p. 20);

2) graduandos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São João Del Rei, MG, que elaboraram relatórios de estágio nos quais apresentaram apontamentos significativos sobre a temática; e

3) crianças de três a seis anos (alunos da educação infantil da rede municipal de educação de Campinas, SP). Com esse grupo foi realizada entrevista com auxílio de três professoras voluntárias e de uma das pesquisadoras (que gravou em vídeo parte do cotidiano de duas salas de aula de educação infantil), cujas questões apresentadas foram: “O que acontece na escola que deixa vocês felizes?; O que acontece na escola que deixa vocês tristes?; Como seria uma escola perfeita para vocês?” (p. 22). Assim como análise detalhada dos desenhos dessas crianças, buscando-se compreender suas manifestações gráficas.

Compreendendo que a concepção de currículo escolar pressupõe a não dissociação entre os aspectos epistemológicos e políticos da educação, as autoras defendem que esse é resultante de produções discursivas, como afirma Lopes (2011), e que, portanto, necessita de um processo de produção-atribuição de sentidos, como destaca Macedo (2011).

Nesse sentido, Lins e Diniz (2012) afirmam que a reflexão que antecede a elaboração do currículo escolar demanda posicionamento político consciente dos sujeitos envolvidos em relação ao modelo de escola e de criança que se pretende defender. Isso porque o currículo:

[...] pode ser desenhado para aproximar o sujeito aprendiz dos objetos significativos do conhecimento e de sua necessidade e desejo em aprender, conviver e brincar na escola, ou de um currículo que afasta, intimida e deteriora a relação da criança com a escola, talvez não somente no período da Educação Básica, em especial na Educação Infantil. Isto significa dizer que o currículo tem também o poder de romper com o caráter volitivo da aprendizagem da criança e, portanto, influenciar negativamente em seu desenvolvimento, marcando o sujeito com (im)posições que o afastarão de um envolvimento ativo em direção ao conhecimento, que se configuraria como uma marca especificamente humana. (p. 37)

Coerentemente com sua opção teórica, as autoras defendem que o currículo escolar não deve promover o “encurtamento da infância”, visto que nessa faixa etária é fundamentalmente relevante que a criança apoie suas vivências na inventividade, na fantasia, no movimento e na capacidade criadora e criativa, cujo eixo fundamental é o brincar.

A defesa enfática das autoras em relação ao brincar ancora-se na concepção vigotskiana de que a criança entra no mundo da cultura de seu grupo social, sobretudo, por meio dessa atividade. Nesse sentido, os brinquedos e as brincadeiras infantis, possibilitam que esses seres históricos e sociais adentrem o mundo simbólico, mediados por outros sujeitos mais experientes (professores, outros alunos etc.).

REFERÊNCIAS

- LOPES, A. C. Currículo e pesquisa com o cotidiano. In: **Seminário Currículos, Culturas, Cotidianos e Formação de Educadores**, 1., 2011, Espírito Santo. Anais... Espírito Santo: UFES, 2011.
- MACEDO, E. Currículos e pesquisa com o cotidiano. In: **Seminário Currículos, Culturas, Cotidianos e Formação de Educadores**, 1., 2011, Espírito Santo. Anais... Espírito Santo: UFES, 2011.